



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

Kalil de Oliveira Rodrigues

**Vidas digitais, corpos analógicos:** Velhos dispositivos ressurgem para atenuar mazelas da  
virtualidade

Florianópolis

2024

Kalil de Oliveira Rodrigues

**Vidas digitais, corpos analógicos: Velhos dispositivos ressurgem para atenuar mazelas da virtualidade**

RELATÓRIO TÉCNICO

do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR 6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Melina de la Barrera Ayres  
Orientadora: Profa. Daisi Irmgard Vogel, Dra.

Florianópolis

2024

Rodrigues, Kalil de Oliveira

Vidas digitais, corpos analógicos : Velhos dispositivos ressurgem para atenuar mazelas da virtualidade / Kalil de Oliveira Rodrigues ; orientadora, Daisi Irmgard Vogel, 2024.

38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Tecnologias analógicas. 3. Digitalização da vida. 4. Jornalismo. 5. Reportagem. I. Vogel, Daisi Irmgard. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Kalil de Oliveira Rodrigues

**Vidas digitais, corpos analógicos:** Velhos dispositivos ressurgem para atenuar mazelas da virtualidade

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 13 de dezembro de 2024.

---

Profa. Valentina da Silva Nunes, Dra.  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Daisi Irmgard Vogel, Dra.  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Isabel Colucci Coelho, Dra.  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Valentina da Silva Nunes, Dra.  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado à minha mãe, Sandra, a quem devo tudo, inclusive esta graduação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Evandro Rodrigues, que leu atentamente meu trabalho e fez sugestões carinhosas. Agradeço aos meus amigos Álvaro Berzal e Nathaniel Lundstrom, que me ajudaram a pensar esta pauta. Agradeço aos professores Carlos Locatelli e Melina Ayres, das disciplinas de Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso e Trabalho de Conclusão de Curso, que me deram contribuições relevantes no desenvolvimento do projeto, bem como meus colegas das disciplinas, que fizeram excelentes sugestões. Agradeço à repórter Cláudia Colucci, coordenadora do Programa de Treinamento em Jornalismo de Ciência e Saúde do jornal *Folha de S.Paulo*, que me ajudou a ensaiar esta grande reportagem. Agradeço aos amigos João Mesquita, Laiz Menezes, Maria Clara Lima, Maria Clara Meireles e Mayala Fernandes, que leram e perceberam coisas que me escaparam. Agradeço ao João Wads que, de prontidão, aceitou diagramar a matéria. Agradeço à minha orientadora Daisi Vogel, que me guiou ao longo deste processo. Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina, pública, gratuita e de qualidade, e a todos os professores do Departamento de Jornalismo. Agradeço às pessoas que tive o privilégio de encontrar ao longo da minha vida e que, até hoje, seguem me formando. Por fim, agradeço às minhas fontes, sobretudo as que me contaram suas vidas. Foram elas que permitiram a realização deste trabalho. Em nada há individualidade. Tudo é coletivo.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por / admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado. / Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por / ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, / isto é, estar por ela ou ser por ela. (CÍCERO, 1996)

Criar meu web site / Fazer minha homepage / Com quantos gigabytes / Se faz uma jangada / Um barco que veleje / Que veleje nesse infomar / Que aproveite a vazante da infomaré / Que leve um oriki do meu velho orixá / Ao porto de um disquete de um micro em taipé (GIL, 1997)

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma grande reportagem em texto que discute as mudanças provocadas pela digitalização da vida na saúde mental e na cultura, refletindo o equilíbrio entre tecnologias digitais e analógicas. Para isso, narra experiências de pessoas da geração Z, iniciativas de empreendedorismo, expõe pontos de vista de psiquiatras, psicólogos e psicanalistas e apresenta dados e pesquisas acadêmicas e de mercado sobre o assunto. A proposta da apuração é, em primeiro plano, fotografar um momento da história marcado pela hiperconectividade e suas consequências no modo de ser e estar no mundo. Além disso, problematiza esse comportamento contemporâneo e reflete práticas analógicas como estabilizantes da psique. Por isso, a matéria transita entre jornalismo de saúde e cultura, inclusive, por compreender que a saúde é consequência de uma série de práticas culturais.

**Palavras-chave:** Tecnologias analógicas. Digitalização da vida. Jornalismo. Reportagem.

## ABSTRACT

This undergraduate final work is an report-at-large that explores the changes brought about by the digitalization of life on mental health and culture, reflecting on the balance between digital and analog technologies. To do so, it narrates the experiences of generation Z individuals, highlights entrepreneurial initiatives, presents perspectives from psychiatrists, psychologists, and psychoanalysts, and shares academic and market research data on the topic. The aim of this investigation is, first and foremost, to capture a moment in history defined by hyperconnectivity and its impact on how we live and exist in the world. Furthermore, it critically examines this contemporary behavior and reflects on analog practices as stabilizers for the psyche. As a result, the report navigates between health and cultural journalism, recognizing that health is a consequence of a range of cultural practices.

**Keywords:** Analog technologies. Digitalization of life. Journalism. Report.

## SUMÁRIO

|              |  |           |
|--------------|--|-----------|
| <b>1</b>     | <b>APRESENTAÇÃO</b>                                    | <b>11</b> |
| 1.1          | JUSTIFICATIVAS QUANTO À RELEVÂNCIA DA PAUTA            | 13        |
| 1.2          | OBJETIVOS  | 17        |
| <b>1.2.1</b> | <b>Objetivo geral</b>                                  | <b>17</b> |
| <b>1.2.2</b> | <b>Objetivos específicos</b>                           | <b>17</b> |
| 1.3          | ESCOLHA DA MÍDIA                                       | 18        |
| <b>2</b>     | <b>DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO PROCESSO PRODUTIVO</b> | <b>18</b> |
| 2.1          | FONTES   | 19        |
| 2.2          | APURAÇÃO   | 20        |
| 2.3          | REDAÇÃO  | 23        |
| 2.4          | ESTRUTURA EMPREGADA E DESENVOLVIDA                     | 23        |
| 2.5          | EDIÇÃO   | 31        |
| 2.6          | DIAGRAMAÇÃO  | 31        |
| 2.7          | EQUIPAMENTOS   | 32        |
| 2.8          | RECURSOS   | 32        |
| 2.9          | CRONOGRAMA   | 32        |
| <b>3</b>     | <b>DIFICULDADES E APRENDIZADOS</b>                     | <b>33</b> |
|              | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                      | <b>34</b> |
|              | <b>ANEXOS –</b>  | <b>37</b> |

## 1 APRESENTAÇÃO

A grande reportagem *Vidas digitais, corpos analógicos* é uma resposta a uma pergunta pessoal. Busquei, na apuração, compreender angústias subjetivas. O tema surgiu para mim em 6 de agosto de 2023, quando fazia intercâmbio em Buenos Aires, Argentina. Era um dia frio, mas muito ensolarado. Eu tomava café no bairro Belgrano, em frente à Praça Castelli. Por baixo da mesa, minhas pernas subiam e desciam em ritmo descontrolado. Da mesma forma, minhas mãos tremiam. Aparentemente, não tinha razão para o agito e, mesmo assim, me sinto dessa maneira na maior parte do tempo. É tão frequente que sequer percebia o incômodo. "É assim que sou", costumava dizer. Naquele momento, na cafeteria, eu rolava a tela do Instagram – como sempre fazia tão logo não tivesse nada para fazer – até que parei em uma publicação do jornal espanhol *El País*. Era uma entrevista com o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, cujo trabalho conheci na graduação. O pensador argumentava que as tecnologias digitais mudaram a nossa forma de ser e estar no mundo e que, por isso, devemos deixá-las de lado:

A pesar de sus reticencias, accede a responder a una pregunta sobre esta sociedad que ha perdido la paciencia para escuchar y para narrar. “La gente ahora camina con los oídos tapados. Como yo no me oriento bien espacialmente, cuando voy a algún sitio, pregunto a la gente dónde está cierta calle, pero tienen los oídos taponados por los auriculares. No pueden oír y eso significa que están desconectados del mundo, del otro, solo se oyen hablar a sí mismos, involucrados en su ego”.

Han considera que es un error pensar en la libertad desde el individuo. “Ya lo decía Marx, esa libertad individual es la astucia del capital. Creemos que somos libres, pero en el fondo producimos, aumentamos el capital. Es decir, el capital utiliza la libertad individual para reproducirse. Eso significa que nosotros, con nuestra libertad individual, solo somos los órganos sexuales del capital”. Y retoma una de sus ideas bandera: “Bajo la compulsión del rendimiento y la producción, no hay libertad posible. Me obligo a producir más, a rendir más, me optimizo hasta la muerte, eso no es libertad”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Em tradução livre: “Apesar de suas reticências, adentra a responder uma pergunta sobre esta sociedade que perdeu a paciência para escutar e para narrar. ‘As pessoas agora caminham com os ouvidos tapados. Como eu não me oriento bem espacialmente, quando vou a algum lugar, pergunto às pessoas onde está certa rua, mas elas têm os ouvidos tapados pelos fones. Não podem ouvir e isso significa que estão desconectadas do mundo, do outro, só se escutam falar a si mesmos, envolvidos em seus egos”.

Han considera que é um erro pensar na liberdade desde o indivíduo. “Já dizia Marx, essa liberdade individual é a astúcia do capital. Creemos que somos livres, mas no fundo produzimos, aumentamos o capital. É dizer, o capital utiliza a liberdade individual para se reproduzir. Isso significa que nós, com nossa liberdade individual, só somos os órgãos sexuais do capital”. E retoma uma de suas ideias bandeira: “Baixo a compulsão

Assim que terminei de ler, guardei o celular no bolso, paguei a conta, atravessei a rua e entrei na livraria da esquina, onde comprei uma edição argentina de *Não coisas: Reviravoltas do mundo da vida* (HAN, 2021). Devorei o livro no mesmo dia e elaborei uma hipótese de porque minhas pernas tremem debaixo da mesa – meses mais tarde, recebi diagnóstico de ansiedade. Logo avancei para *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia* (HAN, 2021) e *A salvação do belo* (HAN, 2015). Concluí, então, que me sinto ansioso por conta do excesso de informações que recebo através do digital. Desde então, não mudei minhas práticas, mas passei a me sentir mais culpado após longas horas na tela do celular.

Por conta disso, decidi escrever a reportagem em primeira pessoa. Também escolhi o predomínio deste pronome pessoal para respeitar meu posicionamento com os entrevistados ao longo das entrevistas. As personagens da minha faixa etária possuem angústias muito parecidas com as minhas.

Surgiram, então, muitas perguntas: "por que não consigo largar o telefone?", "outras pessoas se sentem assim também?", "por que o digital nos deixa mais ansiosos?", "o que fazer para combater esse efeito?". A partir dessas dúvidas, conversei com outros jovens, profissionais da saúde, empreendedores e pesquisadores. Revisei pesquisas, trabalhos jornalísticos e outras obras. Por fim, há poucas respostas objetivas para cada uma dessas questões. Essa grande reportagem tampouco consegue solucioná-las. O texto abre a outras perguntas e tenta provocar discussões.

Meses depois dessas leituras que me fizeram refletir sobre meu comportamento, de volta a Florianópolis, eu estava na casa de um amigo. Estávamos jantando quando o telefone dele recebeu uma chamada de vídeo. Era um colega seu de faculdade, que estava em reabilitação para depressão. Encerrada a conversa, meu amigo me contou que os psiquiatras que atendiam o seu companheiro de universidade suspeitavam que o gatilho para o

---

do rendimento e da produção, não há liberdade possível. Me obrigo a produzir mais, a render mais, me otimizó até a morte, isso não é liberdade”.

desenvolvimento do transtorno mental foi o abuso de drogas. O colega concorda, mas acrescentou que acredita que o tempo em excesso de telas também era responsável. Quando escutei isso, relatei imediatamente com as minhas próprias frustrações. Então, percebi que o assunto é uma emergência em pessoas da minha idade. Estava aí, portanto, a minha pauta. Com ela, quis, além de descrever o que o digital provoca, apontar possíveis alternativas para o relacionamento saudável com dispositivos virtuais.

### 1.1 JUSTIFICATIVAS QUANTO À RELEVÂNCIA DA PAUTA

No mesmo *Não Coisas*, Han faz reflexão parecida – que, inclusive, inspirou este trabalho. No capítulo *Um excursão sobre o jukebox*, em que narra a aquisição de um aparelho jukebox e a sua relação com ele, diz:

O *jukebox* ilumina a escuridão com luzes coloridas e cria uma coisa mágica à qual eu me rendi.

O *jukebox* torna a audição de música uma experiência visual, acústica e tátil altamente prazerosa. No entanto, é muito trabalhoso e demanda tempo intensivamente. Como o *jukebox* não está em operação contínua em minha casa, ele deve primeiro ser conectado à energia elétrica. Os tubos demoram um pouco para aquecer. Depois de inserir uma moeda, aperto cuidadosamente os botões. Então todo o mecanismo começa com uma forte crepitação. Após o giro da roda do disco ser colocado em movimento, o braço do trocador de discos pega um disco e o coloca com um movimento preciso. Antes que o braço da agulha aterrisse no disco, ele passa uma pequena escova que limpa a agulha do pó. Tudo isso é como mágica, uma coisa que me surpreende a cada vez.

O *jukebox* produz *ruídos de coisa*. Ele parece querer comunicar especificamente que é uma coisa. Ele tem um corpo volumoso. Seu rugido vem do fundo da barriga, como se fosse a expressão de sua volúpia. O som digital é livre de qualquer ruído de coisa. Ele é sem corpo e liso. O som que o *jukebox* produz por meio de um disco e um amplificador tubular é fundamentalmente diferente do som digital. Ele é *material e corpóreo*. O som *crepitante* me toca, provoca-me arrepios.

(Han, 2021, s.p.)

Assim, ele conclui, o analógico produz uma contraparte. "A digitalização elimina todas as *contrapartidas*, todas as *oposições*", escreve Han. A virtualidade, ao eliminar as oposições, desestabilizam a mente. "O Spotify aprisiona", disse o psiquiatra Neury Botega para este trabalho.

Com isso, a pergunta "retornar aos objetos analógicos pode estabilizar e fazer bem à saúde mental?" se tornou central na minha reportagem. O trabalho agrupa relatos de usuários de vitrolas, câmeras analógicas, DVDs e cartas. Reúne também opiniões de pesquisadores.

Antes de escrever *Vidas digitais, corpos analógicos*, escrevi três textos, que serviram como ensaio para este TCC, publicadas na *Folha de S.Paulo*. Por isso, algumas fontes de matérias anteriores aparecem nesta, mas explico contextos prévios, principalmente o caso de Andre. As informações desta matéria são inéditas. Apenas algumas recuperei das reportagens anteriores, mas sempre explícito ao leitor:

Tudo isso ele me contou às 15h31min de um sábado ensolarado, não muito quente, na sacada do meu apartamento enquanto meus discos tocavam na vitrola, tomávamos café e ele fumava três cigarros de palha, um atrás do outro. Na época, eu o entrevistava para uma reportagem que publiquei na *Folha de S.Paulo* em 4 de setembro de 2024. Escrevi no jornal essas informações. Disse, também, que ele só saía de casa quando podia, pois desenvolveu crise de pânico, que, para se animar a ir para a rua, se permitia comprar um vinil.

Eu estava profundamente convencido de que um retorno ao analógico é uma solução para enfrentar parte dos problemas causados pelo *tecnoliberalismo* (SADIN, 2017) quando, em 4 de setembro de 2024, publiquei o texto "Aparelhos analógicos ajudam jovens a desconectar e preservar saúde mental". Os comentários nas redes sociais do jornal me proporcionaram uma série de reflexões que eu não havia pensado – talvez por uma posição de privilégios. Destaco mensagens que frisavam que eram hábitos caros que só podiam ser destinados à classe média, que era um consumismo desnecessário, que era um fetiche da mercadoria e que era um modismo. Que, portanto, retornar ao analógico para preservar a saúde mental é elitista. As críticas me provocaram incômodo porque eu as entendo – e, de certa forma, concordo.

Passei a apurar sob essa perspectiva de classe e, por isso, incluí na reportagem a entrevista com a escritora Mariana Ferrari e o editor da *Revista Noize* Ariel Fagundes. Ambos coordenam iniciativas empreendedoras com potencial de lucro, mas concordam que os objetos analógicos – cartas, revistas e discos de vinil – são, sobretudo, formas mais positivas de comunicação, mais resistentes ao fluxo informacional do século 21.

Embora as respostas rebatam parte das críticas, elas vieram de profissionais que vivem do analógico. Há contradições difíceis de abordar em uma reportagem que envolvem reflexões sobre consumismo, modismo e saúde mental. Mesmo assim, tentei articular essas três perspectivas.

Procurei, então, pesquisadores da saúde e outros pensadores que pudessem contribuir com a discussão, como a psicanalista Maria Rita Kehl e o psiquiatra Neury Botega. Com eles, conversei sobre o antropólogo Claude Lévi-Strauss, com sua ideia sobre estruturalismo, e Walter Benjamin. Neste relatório, cito o psicanalista Christian Dunker, que, em entrevista para outra matéria minha, respondeu: "o iPhone 16 também é fetichismo da mercadoria".

Byung-Chul Han diz que as coisas produzem afeto pelo tato. Um livro ao ser folheado, um disco ao ser posto para tocar possuem resistência estabilizadora (HAN, 2022, s.p.). Portanto, "o *touch screen* subsume a negatividade do outro, do indisponível. Ele generaliza a coerção táctil para tornar tudo disponível. Na era do *smartphone*, até mesmo o sentido da visão se submete à coerção táctil e perde sua faceta mágica. Ela perde seu senso de espanto", diz. Assim, para ele, voltar às tecnologias do passado é uma forma de retornar a ter afeto com as coisas, que chama de *coisas do coração*.

Na minha estante de livros, o livro *Transformações em metais*, de Paul G. Shewmon, encontra-se ao lado de livros filosóficos. É o último livro que li enquanto estudava metalurgia, antes de decidir estudar filosofia. Guardo-o como uma lembrança. Se eu tivesse lido o livro como um e-book naquela época, eu teria uma coisa do coração a menos para pegar de vez em quando como uma lembrança. Sim, as coisas tornam o tempo tangível, enquanto os rituais o tornam transitável.

(HAN, 2022, s.p)

Se alguém chama uma pessoa para um jantar romântico, por exemplo, e decide colocar um vinil para rodar ao invés do *streaming*, aquele objeto é marcado, ao ser tocado, como uma lembrança de um momento bonito, ao contrário do digital. No episódio do *jukebox*, Han (2022, s.p.) diz: "Eu me consolo com o pensamento de que minha posse salvou o *jukebox* de seu desaparecimento definitivo, que o liberto da servidão de ser útil, que o despojo de seu caráter de mercadoria, transformando-o em uma coisa do coração". Caetano Veloso (1997), na

canção *Livros*, canta que “os livros são objetos transcendentais / mas podemos amá-los do amor tátil”.

Portanto, defendo a pauta como a fotografia de um momento da história humana marcada por um *cyberindividualismo* em que retornar ao analógico, recuperar *coisas do coração* despojando-as de seu caráter de mercadoria, é uma forma de viver mais tranquilamente no meio de uma epidemia de transtornos mentais<sup>2</sup>. O fato inegável de objetos, como discos de vinil, estarem caros levanta problemáticas importantes. Mas é verdade, também, que eles podem ajudar a saúde mental.

Me serviu como inspiração, ainda, o curta-metragem *Eletrodoméstica* (2005), de Kléber Mendonça Filho. O filme acompanha a rotina de uma dona de casa e sua relação com os eletrodomésticos. Ao longo da trama, os ruídos produzidos pelos aparelhos causam perturbação no espectador, ao mesmo tempo que se integram ao corpo da protagonista. O eletrônico é um fetiche. Primeiro, a chegada de uma televisão de 29 polegadas é recebida com orgulho e satisfação. O filme termina com a centrifugação da máquina de lavar, após os minutos que a protagonista aguardava, com ansiedade, por esse momento. No clímax, a personagem se apoia no eletrodoméstico e se masturba até atingir o orgasmo, enquanto telefones, microondas e outros aparelhos produzem sons.

O curta reflete o impacto dos eletrodomésticos nos corpos, como nos integramos a essas tecnologias. Hoje, os eletrodomésticos são *smart*. Deixaram de ser extensões dos corpos e passaram a se tornar extensões das mentes. A grande revolução, com o lançamento do iPhone em 2007, foi a transição da biopolítica para a psicopolítica (HAN, 2022)

Dessa forma, trabalhos de diferentes autores me inspiraram e, de certa maneira, construíram a grande reportagem. Gonçalves e Santos (2014, p.4) dizem:

Para Bakhtin, o autor nunca está sozinho, o texto nunca é o primeiro, original, pois traz consigo referências a textos anteriores ou servirá de referência a textos posteriores, ou ainda, o simples fato de enunciar alguma coisa pressupõe a existência do outro: “O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim ad infinitum” (BAKHTIN, 1997, p.357). Assim, o efeito dialógico da linguagem (seja entre textos, seja entre sujeitos) está na base do processo comunicacional, ainda que a troca efetiva entre sujeitos não se concretize, ou seja, o

---

<sup>2</sup> De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), apenas a pandemia de Covid-19 aumentou 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo.

ato de tomar a palavra implica em uma responsabilidade com o outro e determina o que dizer e a forma de dizer; o enunciado é elaborado considerando as condições de produção e tendo em vista uma possível condição da recepção, o conhecimento do que o outro espera daquele contexto de comunicação.  
(GONÇALVES, SANTOS, 2014)

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 OBJETIVO GERAL

Produzir uma grande reportagem sobre os impactos da digitalização da vida na saúde mental e o retorno a dispositivos analógicos para atenuar esses efeitos.

### 1.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Revisar estudos acadêmicos para compreender quais são os efeitos da digitalização da vida e qual geração é mais impactada.
- Selecionar e entrevistar jovens da faixa-etária identificada.
- Checar se as experiências deles corroboram as conclusões dos artigos revisados.
- Entender se eles buscam estratégias para mitigar esses efeitos.
- Buscar fontes técnicas, profissionais da saúde, que possam analisar os efeitos do digital e a eficácia de retornar ao analógico.
- Mapear empresas e empreendedores que viram no analógico possibilidade de negócios. Além disso, agrupar dados do mercado fonográfico.
- Discutir a contradição entre a necessidade de retornar ao analógico e o interesse imposto pelo comércio.
- Experimentar a escrita.
- Editar, revisar e finalizar a grande reportagem em texto.

### 1.3 ESCOLHA DA MÍDIA

Decidi fazer uma grande reportagem em texto por alguns motivos. Embora discorde de que a reportagem seja o “gênero mais nobre do jornalismo” – é um dos –, sou movido por ela. Gosto de mergulhar em uma pauta. Explorá-la como se fosse parte do oceano onde o ser humano ainda não chegou. Encontrar, em cada entrevista, uma concha que não tenha sido catalogada e, ao voltar à superfície, trazer uma boa história. Sinto prazer na reportagem, por isso escolhi fazer uma. Fazê-la em *texto* também foi por gosto. Prefiro escrever e tenho facilidade que não encontro em mídias como o telejornalismo ou o radiojornalismo, por exemplo. Além disso, eu precisava que este Trabalho de Conclusão de Curso culminasse em *coisa tátil*. Assim, convidei o João Wads para diagramar o trabalho – mais adiante explico o processo.

## 2 DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO PROCESSO PRODUTIVO

O primeiro desafio da reportagem, depois das escolhas iniciais, foi definir a angulação da pauta. Em primeiro plano, pensei em seguir por uma perspectiva de saúde. No entanto, percebi que teria angulação filosófica e cultural, aproximando-a do jornalismo de cultura. Decidi não limitar a apuração e redação, concluindo em um híbrido de cultura e saúde.

Entendo que a saúde é consequência de práticas culturais, e, por isso, o texto também prova a intersecção de hábitos humanos e bem-estar. A cultura, para Edward B. Tylor (2005, p.8), é definida como "aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade". A saúde é um sistema de conhecimentos regido por saberes, fé, moral e regulamentado por lei. Na pauta, cito uma série de transtornos mentais potencializados por práticas implementadas na sociedade a partir da década de 2010 (HAIDT, 2024). São doenças consequentes da cultura e, por sua vez, o enfrentamento a elas também é disputado nesse campo.

Enquanto escrevo este relatório, em 6 de novembro de 2024, a filósofa Marilena Chauí, em entrevista ao programa *Dando a Real com Leandro Demori*, da *TV Brasil*, disse que a digitalização da vida subverteu nossas identidades. “Está surgindo uma nova subjetividade produzida por esse mundo digital. Primeiro, é uma subjetividade narcisista. Ou seja, existir é ser visto. (...) Como Freud dizia, o narcisismo é inseparável da depressão. Então,

você tem uma subjetividade nova que é narcisista, depressiva e que depende desesperadamente do olhar alheio”, disse. Chauí, ao afirmar que o digital provoca narcisismo que degenera em depressão, vai ao encontro do que afirma Tylor. O digital, como prática cultural, impacta na saúde, desenvolvendo, assim, transtornos mentais, como a depressão.

## 2.1 FONTES

A reportagem possui fontes cidadãos. São todas da geração Z, a mais atingida pelos efeitos negativos da digitalização da vida na saúde mental (HAIDT, 2024). Conforme Haidt (2024, p.20) argumenta:

As origens da crise da saúde mental da década de 2010 remontam à ascensão do medo e da superproteção nos anos 1990. Mostro como os smartphones e a superproteção agiram como 'inibidores de experiência', que dificultaram que crianças e adolescentes tivessem o tipo de experiência social corporificada de que mais precisavam, de brincadeiras arriscadas e aprendizado cultural, ritos de passagem a afeições românticas.

Pessoas na faixa dos 20 anos são protagonistas da reportagem. Abro o texto com o relato de dois deles: Bernardo Vieira (citado como "Bê Vieira" para respeitar seu nome artístico) e Poliana Silva. Eles sentem os impactos das redes sociais, mas não recorrem à tecnologias analógicas. Fiz esse enquadramento para embasar a hipótese de que o digital interfere em todos. Em sequência, narro experiências de três jovens – Andre Aguiar, Yasmin Wolff e Eduardo Fernandes – que passaram a utilizar tecnologias antigas e perceberam benefícios pessoais.

Essa escolha também é baseada no fato de que, neste período da vida, formamos, e talvez definimos, nossas identidades. Explicito assim essa ideia:

Amar e ser amado, pode parecer piegas, mas faz parte da vida. "À sina doída de um amor sem fruto, / E minh'alma na treva agora dorme / Como um olhar que a morte envolve em luto. / Que me resta, meu Deus?", escreveu o ultrarromântico Álvares de Azevedo, no século XIX, sobre uma paixão platônica. A arte, a literatura, a música e o cinema ficariam esvaziados se eliminássemos as tramas que envolvem protagonistas com dor de cotovelo. Esses eu-líricos são quase todos da faixa dos 20 anos. É por essa idade que descobrimos muita coisa – o prazer do sexo, a angústia da vida. Por isso, Andre Aguiar sofreu, aos 21 anos, quando terminou seu namoro em outubro de 2023. Do mesmíssimo jeito que Álvares de Azevedo, ele não quis mais sair de casa.

O digital não provoca apenas transtornos mentais, mas molda subjetividades. Esses transtornos são consequência de angústias identitárias. Baixa autoestima é efeito de comparações constantes no ambiente digital, como descrevo nesta passagem:

– Perto do final de semana, começava a ficar ansiosa porque estava sempre em casa. Ficava muito no celular, nas redes sociais. Sábado e sexta à noite, via os *stories* das pessoas que sigo. Todo mundo saindo, com um relacionamento amoroso, com

amizadas e com uma família perfeita que não tem nenhum problema. Muitas vezes chorei e fiquei mal mesmo. Parecia que todos tinham uma vida, menos eu.

Passou a se comparar, a se sentir mal e buscar formas de ser idêntica ao padrão que observava na rede.

De acordo com Stuart Hall (2006), este século é marcado por uma crise de identidade oriunda de um processo de mudança. Isto se dá pelo sucesso da hegemonia neoliberal que na época em que Hall escrevia *A identidade cultural na pós-modernidade* atingia seu ápice. No entanto, em 2007, tudo se intensificou com o lançamento do iPhone. Minhas fontes, na época, tinham entre 5 e 7 anos. Elas cresceram sob a égide dos *smartphones*. Yanis Varoufakis diz que o neoliberalismo, aos poucos, se converteu na hegemonia do *tecnofeudalismo*. Não só os relacionamentos – foco da reportagem – se tornaram espectrais, as relações de trabalho também. O trabalhador de aplicativo, o *uberizado*, se crê empreendedor de si mesmo porque o padrão é fantasmagórico.

Além disso, busquei fazer a reportagem com perspectiva de gênero. Por isso, 58,33% das fontes citadas são mulheres. Há, também, a presença de, ao menos, cinco pessoas não-brancas<sup>3</sup>. Embora eu não tenha perguntado a sexualidade dos entrevistados – e tampouco ter buscado essa diversidade –, cito a pesquisa de Jonathan Haidt que mostra que pessoas LGBTQIA+ e mulheres sofrem mais com a digitalização da vida.

## 2.2 APURAÇÃO

Voltando às minhas fontes: Bernardo estudou comigo no ensino médio. Embora não tenhamos mais uma relação próxima, acompanho o trabalho dele pelas redes sociais e percebo investimentos na comunicação digital. Ele lança composições pelo selo Toca Discos e Universal Music. Por isso, conta com equipe de marketing e assessoria de imprensa<sup>4</sup>. Também o chamei por ser músico – a produção e apreciação artística são centrais, também, na reportagem.

Andre frequentou a mesma escola que eu e Bernardo. Em uma conversa no Carnaval de 2024, me contou que colecionava discos de vinil. Na época, eu tinha vontade de começar a

---

<sup>3</sup> Como etnia é baseada em autodeclaração, é difícil afirmar um número específico. Mesmo assim, considero uma falha da apuração não ter garantido equidade racial de fontes. É algo a ser observado em minhas próximas matérias.

<sup>4</sup> Descobri essa informação apenas quando a reportagem já estava com o diagramador. Por isso, não aparece no texto. Isso teria mudado, provavelmente, a angulação do depoimento dele, e prova que toda verdade é sempre provisória.

minha própria coleção, por conta do livro de Han, e o enchi de perguntas. Em determinado momento, me contou que os discos o ajudaram a estabilizar sua saúde mental.

Encontrei Poliana no X. Ela comentou uma *thread* sobre a publicação de fotos no Instagram e baixa autoestima. Fiquei curioso pela opinião crítica e a convidei para uma entrevista, que aceitou imediatamente.

No caso de Yasmin, eu buscava pessoas que faziam fotografias analógicas ou com *cybershot*. Publiquei no meu próprio Instagram<sup>5</sup> se alguém conhecia, e ela, que é prima de uma ex-colega, respondeu o *storie*.

Para encontrar Eduardo, fui recomendado por um estudante de Cinema, também pelas redes sociais.

Após escutar os relatos pessoais, conversei com profissionais da saúde mental. Por isso, foram escutados o psiquiatra Neury Botega, professor aposentado da Universidade de Campinas (Unicamp) que é referência no estudo da depressão, a psicóloga Anna Lucia King, coordenadora do Instituto Delete, e os psicanalistas Christian Dunker e Maria Rita Kehl. Todos entendem que o digital realmente provoca esses transtornos mentais. Em relação a buscar tecnologias analógicas, acham, em maior ou menor grau, que pode ser benéfico. É importante ressaltar que nenhum deles publicou materiais sobre o benefício dos dispositivos analógicos, hipótese da grande reportagem, o que é fundamental para garantir uma análise justa. A ponderação deles sustentou a hipótese da pauta.

Preferi fazer entrevistas presenciais por entender que a comunicação entrevistador-entrevistado é mais humana. Infelizmente, na maioria dos casos foi impossível. De acordo com Medina (2000, p.5),

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta — fria nas relações entrevistado entrevistador — não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo.

Andre foi com quem mais tive contato. Ele veio até a minha casa e depois fui até ele. Foram as entrevistas mais dinâmicas. Claro que o fato de já nos conhecermos facilitou, embora não sejamos amigos pessoais. Acredito que tomarmos café e ouvirmos música ao longo da conversa criou um ambiente mais descontraído, e a entrevista se converteu em uma conversa profunda. Por outro lado, a entrevista com a Maria Rita Kehl foi atrapalhada e

---

<sup>5</sup> É uma contradição, de certa forma, eu ter usado as redes sociais para apurar. No entanto, reforço que a intenção deste texto não é rechaçar as tecnologias, mas provocar a construção de um ciberespaço mais saudável.

confusa, além de ter durado pouco tempo<sup>6</sup>. Ao longo da conversa, ela se atrapalhou com o celular. Descrevo especificamente essas duas entrevistas na reportagem para mostrar diferenças entre, também, entrevistas digitais e analógicas:

A psicanalista Maria Rita Kehl, 72 anos, me atendeu por chamada de vídeo às 16h41 numa quinta-feira de setembro de 2024.

– Alô? – perguntei.

– Alô?! Alô?! – dizia agitada, segurando um telefone fixo na orelha direita enquanto me olhava através da câmera frontal do celular.

Não entendi nada. Alguns segundos depois, apoiou o telefone no suporte, pediu desculpas e disse que falava com técnicos da Netflix. Esse mesmo telefone voltou a tocar seis vezes ao longo da entrevista, deixando-a nervosa.

Caputo (2006, s.p.) entende a entrevista como a aproximação entre o jornalista e a fonte a partir de um determinado assunto e de seu próprio olhar. Ela diz:

Então aqui, outra vez, a palavra escapa, não consigo aprisioná-la em um conceito. Fico feliz por isso. Palavras fogem porque se dão à liberdade. O que sinto, e apenas sinto, é que, quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro.

Por isso, decidi transcrever ao longo do texto alguns diálogos extraídos das entrevistas. Ademais, utilizei essa estrutura para manter o interesse do leitor ao longo do texto, como defende Medina (2000, p.5-6):

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação-repórter-receptor) se interligam numa única vivência. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. Isto, se a entrevista se aproximou do diálogo interativo.

As outras entrevistas também foram virtuais, mas tranquilas. Entendo que houve prejuízo pela distância<sup>7</sup>, mas foi o possível de ser feito. No entanto, já tive interações presenciais com todos – exceto Poliana, Eduardo, Spear e Dunker –, o que tornou a interação mais fácil.

Busquei documentos e estudos que corroboram a hipótese da pauta.

---

<sup>6</sup> Maria Rita Kehl me convidou para entrevistá-la em sua casa, em São Paulo. Infelizmente, foi impossível.

<sup>7</sup> O prejuízo se dá, inclusive, porque tenho facilidade para me distrair ao longo de conversas. Preciso me esforçar bastante para manter o foco em uma entrevista mais longa. Quando elas são virtuais, a cobrança se torna ainda maior.

## 2.3 REDAÇÃO

Me dediquei ao longo de um mês na redação da grande reportagem. Escrevi, em média, uma página por dia. Após esse mês, editei a matéria, reduzindo-a para um tamanho adequado para uma revista. O processo de redação foi o mais fácil. A parte mais complicada foi a edição – falo sobre mais adiante.

## 2.4 ESTRUTURA EMPREGADA E DESENVOLVIDA

Essa sequência de fontes representa a maneira que encontrei para desenvolver sentido e manter a narrativa. Embora esta reportagem não possa ser classificada como literária, utilizo constantemente elementos de narração como estratégia discursiva e para prender o leitor. Conforme explica Daisi Vogel (2022, p.86):

Concretamente, estabelecer um enredo, organizar uma narrativa, é fundamental para o entendimento e para a estruturação da experiência humana e, por isso mesmo, primordial para a cultura. As histórias, os relatos, as narrativas, são, como diz Jonathan Culler, a principal maneira pela qual entendemos as coisas, "[...] quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo" (CULLER, 1999, p. 84). E Walter Benjamin (1993), em seu ensaio sobre o narrador, esboça com bastante riqueza como a narrativa foi, na história cultural, o recurso fundamental para intercambiar experiências e, assim, estabelecer e aprofundar vínculos de pertencimento e comunidade.

Acontecimentos soltos, que não conseguimos organizar na forma de um relato, vão permanecer barrados, em termos de sentido. (...) Quase toda, senão toda, a apuração jornalística é uma busca por uma narrativa plausível, uma busca pelas informações que, somadas, sustentam o relato do repórter. Apurar é, nessa perspectiva, perseguir e coletar os elementos do enredo que permitirão organizar uma história

Citando a novela *A metamorfose*, de Franz Kafka, a autora argumenta que o ponto de partida de uma história é um acontecimento que altera o *status quo*. "Então, toda história pressupõe uma situação inicial que é transformada pela irrupção de algum acontecimento" (VOGEL, 2022, p.87).

Vogel diz que frases iniciais despertam interesse no leitor. É o caso, por exemplo, de "Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo" (MÁRQUEZ, 1967, p.4), que abre *Cem anos de solidão*. Esse início gera sensações de suspense e curiosidade no leitor. No caso do jornalismo, essa comissão de frente é o *lead*. Por essa

escolha narrativa, optei por fazer um *lead* não convencional, que não seguisse a ordem da pirâmide invertida:

Bê Vieira tenta falar todo dia com 23,9 mil pessoas que o seguem no Instagram. Nem todos dão bola. Para que escutem suas músicas, Bê recorre ao que chama de "idiotice", uma aba destacada com *stories* que o mostram fazendo brincadeiras. Por exemplo, em um dos vídeos, ele forma frases com letras de placas de carros. Depois de fisgar certo público, espera que assistam aos *reels* (vídeos de até um minuto e meio gravados na vertical) em que canta *mashup* (misturas de músicas) de artistas diferentes – como 2pac e Djavan – enquanto cozinha, ou gravações nas quais faz música com sons não convencionais – como despertadores. Por fim, após os seguidores passarem por média diária de quatro *stories* e semanal de um *post* e um *reel*, Bê pede que eles cliquem no *link* da bio e acessem seu perfil no Spotify.

Em nenhum momento deste primeiro parágrafo apresento a angulação da minha reportagem – os efeitos negativos da digitalização da vida e o retorno ao analógico para mitigá-los. Faço o que Vogel (2022) chama de pormenor inútil no jornalismo. Isto é, uma descrição que cumpre função narrativa, mas que poderia ser cortada sem prejuízos ao conteúdo. Esse *lead*, conforme Gonçalves e Santos, faz também argumentação:

É gênero narrativo, pois, na essência está a história. Mas, ao narrar também descreve e argumenta, ou seja, não há narrativa pura na reportagem; a passagem de tempo anterior /tempo posterior, própria da narrativa, vem acompanhada de elementos próprios da descrição e da dissertação e nessa mescla de tipologias a reportagem informa, emociona, analisa, interpreta, contextualiza, mostra personagens, lugar, divulga números, desvenda processos.  
(GONÇALVES; SANTOS, 2014, p.1)

Ademais, a escolha da pauta já pressupunha a delimitação de um momento de irrupção narrativa. O tema guarda-chuva – digitalização da vida – já foi, e segue sendo, abordado de inúmeras maneiras, sobretudo pelas consequências na saúde mental de jovens da geração Z. Portanto, no *lead* apresento o senso comum: jovens que se sentem incomodados pelo uso excessivo do digital:

Poliana e Bê são parte de uma tendência paradoxal. Por um lado, apontam problemas. Por outro, consideram o digital bom. Uma pesquisa do The Harris Poll, publicada no *The New York Times* em 17 de setembro de 2024, revelou que um terço da geração Z gostaria que o Instagram não existisse. Quase metade diz isso em relação ao TikTok. Jonathan Haidt, pesquisador da Universidade de Nova York e autor do livro *Geração Ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*, analisou os dados e afirmou que é um comportamento raro para consumidores de qualquer produto. Além disso, 60% desses jovens afirmam que as mídias sociais têm impacto negativo na sociedade e 29% se dizem feridos pessoalmente pelo uso dessas redes.

Em sequência, apresento os que buscam alternativas para o fenômeno. Sigo, então, abordando o tema a partir da perspectiva de outras fontes técnicas, para balizar a hipótese da reportagem e concluir, também, com um pormenor carregado de simbologia:

Mesmo assim, Maria Rita faz questão de lembrar que não é especialista no assunto e que por isso não pode dizer se voltar às vitrolas pode ser benéfico ou não. Diz que,

pela própria experiência, ao usar muito o telefone, se sente uma ratinha de laboratório condenada a correr desesperada eternamente em uma jaula. Aos 30 minutos de entrevista, falou que já estava se sentindo assim ao conversar comigo via WhatsApp vídeo. Entendo o recado, agradeço a disponibilidade e pergunto:

– Antes de encerrar, a senhora gostaria de dizer alguma outra coisa?

– Só quero dizer uma coisa: caminhem nas ruas. Façam coisas a pé. A pulsão circula aí também.

Essas escolhas narrativas compõem o que Motta (2004) chama de narratividade: “sucessão de estados de transformação responsável pelo sentido”. É, portanto, um dispositivo argumentativo de linguagem que produz significados (Motta, 2004, p.9).

A frase que fecha a reportagem representa uma escolha ética-estética. Minha intenção ao longo do texto foi expor mazelas impulsionadas pelo digital e como a nossa relação com as coisas tem a capacidade de estabilizar ou desestabilizar a psique (HAN, 2021). No entanto, me preocupei com a possibilidade negativa de construir publicidade<sup>8</sup> de outras formas de consumo. O analógico, portanto, não é apenas criar vínculos com outros objetos, mas conosco. Caminhar pelas ruas é, assim, estabilizador e uma prática analógica.

Nessa perspectiva, as narrativas midiáticas têm papel importante na sociedade e na relação entre os interlocutores, participando da forma como os sujeitos constroem o universo e como se veem inseridos nele. Segundo Pêcheux (1990), o funcionamento da linguagem não se explica como simples informação, mas sim pela produção de sentidos pelos sujeitos e pelo jogo de efeitos de sentidos, carregados de ideologias. Nas palavras de Pêcheux (1990, p. 82): “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

(GONÇALVES; SANTOS, 2014, p.3)

Escolhas como as que citei aqui, embora possam parecer desnecessárias, carregam elementos simbólicos importantes. Citar o término de Andre e, não por acaso, poesia ultrarromântica, evidencia a perenidade dos relacionamentos contemporâneos, marcados pela agilidade de redes sociais como o Tinder. Ao abrir a retranca *Com a tendência, empreendedores encontram oportunidade para lucrar*, fiz uma escolha política. A intenção de todo esse trecho da reportagem é expor contradições. Embora existam argumentos fortes de que retornar ao analógico permite preservar a saúde mental de efeitos adversos do digital, o movimento é também uma moda. Pessoas, como a Mariana, observaram o movimento e criaram a partir dele fonte de renda. Problematizo, então, a real necessidade dos analógicos. Mesmo assim, fiz questão de expor, ainda que sutilmente, a diferença desse lucro. Mariana é uma escritora, e a produção de suas cartas é artesanal. Ao mesmo tempo que conversávamos,

---

<sup>8</sup> O retorno – ou equilíbrio – ao analógico é tratado como disruptivo, mas não deixa de ser uma tendência de consumo. Tive muita dificuldade em expor essas contradições.

a Amazônia ardia, e a cidade de São Paulo teve a pior qualidade de ar do mundo. Enquanto isso, o bilionário Elon Musk, dono do X, provocava a justiça brasileira. Senti a necessidade de mostrar que os grandes empresários de *big techs* são responsáveis por parte da tragédia social que o mundo vive. Enquanto ele se esforça para vender os serviços da Star Link para o Norte do Brasil, a floresta pegava fogo, sem sensibilizar sua ganância:

Olhar o sol desde a Serra da Cantareira é confortável no fim de tarde de 9 de setembro de 2024. Pode-se observar o contorno que forma o círculo alaranjado perfeitamente, como se os raios de luz fossem impedidos de passar daquela delimitação. O céu é mescla de lilás e amarelo, cor de fogo. A paisagem é sinal claro de que os tempos são novos. Na segunda década do século XXI, a fuligem das queimadas da Amazônia e do Pantanal formam um manto opaco na atmosfera do Brasil. Nesse dia, a cidade de São Paulo teve a pior qualidade de ar do mundo. Lá, onde arde, há Internet em alta velocidade via satélite, fornecida pela empresa Starlink, de Elon Musk.

Mariana Ferrari, 28, olha com angústia para o alto nesse pôr do sol. Não vê beleza, mas violência. Despede-se de seus galos com uma xícara de café na mão, entra em casa, senta-se à mesa e começa a teclar em uma máquina de escrever modelo Olivetti Lettera 82 verde água de 4 kg. Ao lado, tinta, fita e, para preservar a ideia em caso de emergência, blocos de notas com canetas. Escreve algo bem pessoal: cartas. Depois, contos. No mesmo aparelho, depois de quatro anos, acabou de finalizar seu primeiro romance, cujo título é *Feita de morte*.

Ao terminar a carta, revisa, finaliza, faz cópias em uma fotocopadora, envolpa e sela artesanalmente. No dia de enviar, dirige o carro por 20 minutos até a agência dos Correios do bairro Jardim São Paulo, na Zona Norte da capital paulista. Após aguardar 5 minutos em média, envia os textos para seus assinantes, que pagam R\$ 30 para receber o conteúdo escrito por ela.

– Não é um saudosismo anacrônico? – pergunto.

– Não. É respeitar o tempo.

Penso, portanto, que um retorno ao consumo de analógicos não é só uma questão de saúde mental, mas uma forma de não aceitar o controle mental, social e de mercado que os bilionários, donos das principais redes sociais virtuais, exercem. Fazer uma fotografia, revelá-la, escrever uma carta e enviar essa imagem por correio a um amigo é uma forma de resistir à intermediação da empresa Meta em nossos relacionamentos pessoais. Segundo Brandão e Colucci (2021, p.5),

Se já em meados do século passado a crítica da Escola de Frankfurt nos apontou as estratégias de manipulação e controle social pela comunicação mediada por tecnologias, hoje podemos observar, com a penetrabilidade das TICs em todos os âmbitos da vida (econômica, social, cultural, política, etc.), uma reconfiguração da indústria cultural na reprodução de homens de uma única dimensão e um acirramento da adesão voluntária das pessoas às estratégias de dominação que se infiltram por meios digitais, cada vez mais disseminados em sociedade.

Mas também é uma forma de garantir a nossa liberdade no sentido mais amplo que definiu Espinosa (2009). Isto é, que sejamos livres para fazer escolhas. O neoliberalismo *smart* é autoritário ao criar a sensação de que temos liberdade para tudo, principalmente, para

*ser* (HAN, 2022). No entanto, essa sensação é ilusória. Quando cremos que o que consumimos virtualmente é uma escolha, nos enganamos. O que nos chega é produto de cálculos algorítmicos que engolem nossa subjetividade e, ao prometer liberdade, nos entrega aprisionamento. O que os jovens que cito na reportagem fazem é tentar resistir a essa lógica. Ter a liberdade de escolher um vinil em um sebo, não o aprisionamento de ser escolhido pelo Spotify. Vivemos em um capitalismo de vigilância em que somos os vigiados e colaboramos ativamente – muitas vezes, inconscientemente – com os vigilantes, que exercem controle sobre nossos corpos, retirando a agência individual das escolhas. É também resistir ao poder da hegemonia do *tecnoliberalismo* sobre nossas individualidades.

“O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira” (E III DA1). O desejo para Espinosa, portanto, é o que nos guia através da liberdade. Com o digital, o desejo nos é terceirizado. Empresas, com a Cambridge Analytica, se valem do *big data*, isto é, nossos dados pessoais, para personalizar publicidades direcionadas a indivíduos. Aos poucos, a subjetividade é reformada. O desejo – de consumir, de ser – não nos é intrínseco, mas adquirido. Como cito na reportagem, através de Maria Rita Kehl, há um imperativo lacaniano sobre compulsões internas para a busca de satisfação. Esse sentimento pode ser destrutivo por ignorar os limites do indivíduo:

– Vou pensar em voz alta – avisa e começa a pensar. – Benjamin dizia que o acesso à técnica é uma coisa monstruosa que se sobrepõe ao homem. Hoje, a técnica não só se sobrepõe. Ela nos suga. Existe um imperativo inconsciente que o psicanalista francês Jacques Lacan aponta: "Se você pode fazer alguma coisa, você deve". A pessoa olha o celular para ver se alguém lhe escreveu e de repente virá uma necessidade de saber sempre se está acontecendo algo.

O *big data*, portanto, invade a compulsão interna de busca de satisfação, moldando o desejo. Fazendo-nos desejar o que quer vender. Fazendo-nos ser o que quer que sejamos, levando-nos à autodestruição que apontava Lacan. Também cito na reportagem uma canção de Jorge Drexler (2022), que reproduzo na íntegra aqui:

¿Quién quiere que yo quiera lo que creo que quiero? / Dime qué debo cantar / Oh, algoritmo / Sé que lo sabes mejor / Incluso que yo mismo / Wait, what's that money that you spent? / What's that sitting on your plate? / Do you want what you've been fed? / Are you the fish or bait? / Mmm, I'm on the top of the roof and I feel like a jail / Rather not pay the bail / To dangerous people with blood on their faces / So I'm sharing a cell with the masses / The underground always strive for the main / Streaming like Grande's big-ass ring / Screaming, "I'll write you out my will" / Conscious is free, but not the will / Conscious is free, but not the will / So if you want me to want what I believe that I want / Can I choose to quit? / Dime qué debo cantar / Oh, algoritmo / Sé que lo sabes mejor / Incluso que yo mismo / Por ejemplo, esta canción / ¿Qué algoritmo la parió? / Me pregunto si fui yo / ¿La elegiste o te eligió? / Dios era la letra chica al final del papel / Ya no contamos con Él / Fin de la luna de miel / Y el libre albedrío es un cauce vacío / Un barco que no tiene río / Ni

timonel / Todos aplauden, tú también / Pero no queda claro quién / Tiene del mango a la sartén / Del sacrificio / Piel o silicio / Y el precipicio / Dice "Ven, ven, ven"<sup>9</sup>

A canção traduz o conceito laciano aplicado à digitalização da vida. O algoritmo torna-se Algoritmo, isto é, divino. Mas é um Deus semelhante ao do primeiro testamento, que nos tortura ao mesmo tempo que promete glória eterna. A consciência (*conscious*) é livre, mas não o desejo (*will*). A pergunta da música, *Can I choose to quit?* (posso escolher desistir?), é o norte deste Trabalho de Conclusão de Curso. Não há resposta, embora eu tenha a sensação de que, não, não é possível desistir. No entanto, buscar práticas analógicas é uma tentativa.

Mas a vida é real e de viés<sup>10</sup>. Embora eu cite uma série de problemas causados pelo digital, foi importante escrever que a conectividade é um direito humano. Em um mundo hiper conectado, não ter acesso à internet é exclusão social. O próprio desenvolvimento de angústias relacionadas ao digital é um luxo cruel:

A Organização das Nações Unidas (ONU) afirma, desde 2011, que a internet é direito humano. O próprio Marco Civil da Internet do Brasil considera a conectividade fundamental justamente por promover a liberdade de expressão e, sobretudo, o acesso à informação. O isolamento social imposto pela pandemia de covid-19, em 2020, expôs a fragilidade do tema. Alguns jovens – o caso de muitos **desta reportagem** – puderam ficar em casa e estudar ou trabalhar remotamente sem tantos prejuízos. A queixa deles é que, por causa disso, passaram tempo em excesso nas telas, acabaram desenvolvendo angústias e, em casos graves, transtornos mentais como os aqui relatados. No entanto, enquanto eles se sentiam assim, muitas crianças, adolescentes e outros jovens não tiveram sequer acesso à internet para seguirem com seus estudos. Segundo a pesquisa TIC Educação 2022, do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), a pandemia causou "abismo entre classes sociais" por conta da baixa conectividade em classes pobres.

O excesso de tempo em telas é, sim, um problema grave, mas a falta dessas telas é um marco da desigualdade brasileira a ser superado. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, 5,9 milhões de domicílios do país não possuíam acesso à internet, sendo porque: nenhum morador sabe utilizar (33,2%); o serviço é considerado caro (30%); ou simplesmente não viam necessidade no serviço (23,4%). A desigualdade é mais grave em áreas rurais, sobretudo do Norte e Nordeste do país.

---

<sup>9</sup> Em tradução livre: "Quem quer que eu queira o que eu acho que quero? / Diga-me o que devo cantar / Oh, algoritmo / Sei que você sabe melhor / Até do que eu mesmo / Espere, que dinheiro foi esse que você gastou? / O que está aí no seu prato? / Você quer o que te alimentaram? / Você é peixe ou isca? / Mmm, estou no topo do telhado e me sinto como numa prisão / Prefiro não pagar a fiança / Para pessoas perigosas com sangue no rosto / Então compartilho uma cela com as massas / O underground sempre luta para chegar ao topo / Transmitindo como o anel gigante da Grande / Gritando: "Vou te tirar do meu testamento" / A consciência é gratuita, mas não a vontade / A consciência é gratuita, mas não a vontade / Então, se você quer que eu queira o que eu acredito que quero / Posso escolher desistir? / Diga-me o que devo cantar / Oh, algoritmo / Sei que você sabe melhor / Até do que eu mesmo / Por exemplo, essa canção / Que algoritmo a pariu? / Me pergunto se fui eu / Você a escolheu ou ela te escolheu? / Deus era a letra miúda no final do papel / Não contamos mais com Ele / Fim da lua de mel / E o livre-arbítrio é um curso vazio / Um barco sem rio / Nem timoneiro / Todos aplaudem, você também / Mas não fica claro quem / Tem a frigideira pelo cabo / Do sacrificio / Pele ou silicio / E o precipício / Diz: "Venha, venha, venha".

<sup>10</sup> Referência à canção *O Quereres* (1985), de Caetano Veloso.

Uma pesquisa do Datafolha mostrou que 50% dos brasileiros com menos de 18 anos têm celular próprio. O estudo entrevistou presencialmente 2.029 pessoas com 16 anos ou mais, em 113 municípios do país, entre 7 e 8 de outubro de 2024.

Em *A tecnologia do oprimido: desigualdade e o mundano nas favelas do Brasil* (2021), David Nemer constrói uma importante etnografia do ciberespaço ocupado por pessoas periféricas. Em uma passagem, o autor conta:

Conforme a Vania se preparava para fechar o Telecentro, a curiosidade de Pedro tomou conta e ele decidiu explorar a Internet. Ele me puxou para dizer:

olha esse tal de Google, você pode procurar qualquer coisa. Está tudo lá... mas eu duvido que eles saibam sobre as nossas favelas. Vamos ver... Vamos procurar Bairro da Penha... Caramba, eles têm coisas sobre a gente... Eles sabem da gente.

Depois de 5 minutos curtindo a agradável surpresa de sua busca ter rendido resultados, Pedro esmoreceu depois de clicar nas imagens, e ficou em silêncio. "Eles só falam de crimes, traficantes e tragédia. É isso que as pessoas ricas pensam da gente? O mundo? David, você que conhece essa tecnologia – tem como você consertá-la?" Vania olhou para mim, esperando que eu dissesse que "sim". Mas tudo o que eu fiz foi balançar a cabeça, enquanto tentava encontrar uma resposta adequada. Senti que não podia decepcioná-lo. Quando ele descobriu que poderia se candidatar a vagas de emprego online, Pedro foi de um completo desespero por ter perdido o emprego para a euforia. Eu não queria destruir seu otimismo. Eu também pensei em contar para ele que eu não confiava no Vale do Silício porque eles lucravam com atos de opressão. Em vez disso, fui breve. Disse: "Não, não posso consertá-la." Pedro não pareceu decepcionado com minha resposta. Em vez disso, ele pegou seu currículo e se levantou. Quando estava saindo, ele olhou para Vania com um sorriso esperançoso e disse "talvez a gente possa".

(NEMER, 2021, s.p.)

A partir dessa leitura, fiz um movimento parecido. Busquei entender se adolescentes da periferia se sentem ansiosos em relação ao digital, ou, no mesmo sentido dos dados brutos que apresentam, têm acesso à *smartphones*. Dos oito que conversei, apenas uma menina, de 14 anos, não tinha celular. Como explico na reportagem, a educadora sugeriu que ela não tinha o aparelho por ter deficiência visual. Todos eles, com exceção dessa garota, passam tempo em excesso em telas. Mesmo assim, dizem não se sentir ansiosos com o digital.

Conversando com outras fontes, a educadora Amanda Koshnick e o psicanalista Christian Dunker, cheguei a relatos parecidos com os que Nemer (2021) narra em sua tese:

– A tecnologia que chega nas periferias é pobre e condicionada – relata a educadora social Amanda Koshnick, mestranda em educação profissional e tecnológica.

Além disso, ela argumenta que os algoritmos são desenvolvidos pensando nas classes média e rica. Por isso, vídeos que exaltam modelos de vida – que são tendência no Tik Tok, por exemplo – possuem alto engajamento ao expor um modelo de vida incompatível com a realidade desses jovens. Enquanto isso, vídeos similares que possuam como fundo uma parede de tijolos à vista serão distribuídos para poucos usuários da rede social. A diferença provoca angústia, diz o psicanalista Christian Dunker.

– O indivíduo se vê fracassando. Quando percebe que os recursos que tem e a posição onde está não são suficientes para enfrentar o conflito daquela diferença, surgem pensamentos de culpa, de vergonha e de isolamento.

Expor essas contradições foi fundamental porque a intenção dessa reportagem não é promover um neoludismo, mas refletir sobre o uso abusivo que fazemos do digital. Além disso, problematizar essa cibercultura é o primeiro passo para refletirmos que internet queremos construir, pensando ela como espaço coletivo. Como melhorá-la, como disse Pedro à Vania, na tese de Nemer (2021). Embora todos os gargalos citados existam, o digital proporciona avanços importantes, como a revitalização do civismo nos movimentos sociais (BRANDÃO; COLUCCI, 2021, p.5):

Pois, ainda que a comunicação pelos meios digitais se configure uma nova modalidade da indústria cultural 2.0 (DUARTE, 2011), a perspectiva crítica vai buscar a brecha, a possibilidade de subversão da lógica programada (MACHADO, 2007), por meio da apropriação crítica dos meios (LAPA, 2013). Apropriação esta que requer não apenas um uso consciente e crítico, mas também uma produção criativa e autoral com para e através das mídias na cultura digital.

Portanto, minha intenção neste trabalho foi problematizar o papel que o digital tomou na vida contemporânea, e provocar para que essa lógica programada seja subvertida, e uma “nova” internet possa ser desenvolvida, onde as pessoas possam utilizá-la de forma equilibrada sem comprometer as suas saúdes mentais.

Refletir sobre o potencial democrático da internet significa tratar da passagem tão esperada de consumidores a cidadãos (CANCLINI, 1999). Evidentemente, implica o acesso das pessoas à rede não apenas na dimensão de seu uso mas também na sua produção. Em relação ao primeiro aspecto, 28% das residências brasileiras não têm conexão com a internet (CETIC, 2019). Sobre o segundo, o setor de aplicativos para telefones celulares se baseia apenas em países com altos índices econômicos (95% do valor movimentado neste setor vêm de 10 países) (MOZILLA FOUNDATION, 2018), o que significa dizer que os demais apenas usam soluções que não foram criadas para a sua realidade. Além disso, 75% dos desenvolvedores da internet são homens, de acordo com dados da ONU Mulheres. 2 A presença de grandes empresas mediando a comunicação travada na internet, bem como as políticas de regulamentação da rede, 3 inquieta aqueles que vislumbraram seu potencial transformador: “O sistema está falhando. A maneira como a receita de publicidade funciona com conteúdos caça-clique não está realizando o objetivo de ajudar a humanidade a promover a verdade e a democracia. Por isso, eu estou preocupado” (BERNERS-LEE, 2017, grifos nossos). (BRANDÃO; COLUCCI, 2021, p.3)

Em sequência, planejei o texto em retrancas que seguissem a ordem: problemas com digital em geral; jovens que buscaram o analógico; interesses financeiros por trás; validação de profissionais da saúde mental.

Desde a fase do projeto, meu planejamento era escrever uma reportagem literária. Inclusive, minha orientadora sugeriu escrever sem ordem, inspirado no livro *O jogo da amarelinha*, de Júlio Cortázar. No entanto, ao concluir, percebi que havia, de fato, trechos

narrativos em algumas passagens, mas que o texto não se enquadra como literário. Mesmo que tenha sido meu objetivo desde o começo, preferi manter como está por entender que esse estilo, mais sério talvez, seja mais coerente com a minha forma de escrever e que foi a maneira que encontrei para descrever as informações que havia apurado. "A construção de um texto é uma experiência singular. Ao vivê-la, escorre por nossas mãos o lugar de onde somos e o modo como olhamos o lugar em que estamos. Deixamos no tecido do texto as fibras das nossas mãos e de outras que por nossas mãos passaram", escreve Stela Guedes Caputo (2006, s.p.).

## 2.5 EDIÇÃO

Gosto muito de editar. Mas esta reportagem foi difícil. Acredito que um bom texto, para ser concluído, precisa de uma mirada de um terceiro. Mudar o meu posicionamento de repórter para editor foi desafiante justamente porque exigiu uma perspectiva independente da apuração e que não seja apaixonada pelo texto. Mesmo assim, acredito ter cumprido os objetivos. A parte mais tranquila foi escolher os elementos de edição – título, linha fina e olhos.

## 2.6 DIAGRAMAÇÃO

Escolhi entregar a reportagem impressa em uma revista para que ela tenha um acabamento visual. Por ela ter sido desenvolvida pensando no formato *magazine*, foi fundamental que ela tivesse uma publicação como suporte. Como não me propus a ser avaliado pela diagramação, convidei o jornalista João Wads, egresso da UFSC, para fazer o projeto gráfico. Dei a ele liberdade para que pudesse ser criativo, pedi apenas que preservasse o tom da matéria. Passamos a nos reunir semanalmente para que ele me apresentasse o andamento da diagramação, e eu pedisse ajustes.

## 2.7 EQUIPAMENTOS

Usei apenas meu computador, meu celular e alguns blocos de notas. Utilizei email e WhatsApp para agendar entrevistas; Zoom, Google Meet e WhatsApp para entrevistar; gravador do celular para registrar; Google Pinpoint para decupar e organizar a apuração;

Google Docs para escrever e; Medley, Scielo e Google Scholar para encontrar estudos acadêmicos.

## 2.8 RECURSOS

| <b>Material / Contratação</b> | <b>Modelo</b>  | <b>Valor</b>             |
|-------------------------------|----------------|--------------------------|
| Notebook                      | MacBook Air M1 | R\$ 6.799,00             |
| Celular                       | iPhone 14 (128 | R\$ 3.866,00             |
| Diagramação                   |                | R\$ 250,00 <sup>11</sup> |
| Gasolina                      |                | R\$ 100,00               |
| Redação                       |                | R\$ 18.340,43*           |
| Edição                        |                | R\$ 4.200,00*            |
| Revisão                       |                | R\$ 2.516,04*            |
| <b>Total</b>                  |                | <b>R\$ 36.071,47</b>     |

\*Valor calculado com base na Tabela de Freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

## 2.9 CRONOGRAMA

| <b>PERÍODO</b>          | <b>ATIVIDADES REALIZADAS</b>       |
|-------------------------|------------------------------------|
| 01/03/2024 - 30/06/2024 | Pré-apuração e planejamento        |
| 01/03/2024 - 30/06/2024 | Revisão bibliográfica e fichamento |
| 01/07/2024 - 30/09/2024 | Entrevistas                        |
| 01/10/2024 - 31/10/2024 | Redação                            |
| 01/11/2024 - 26/11/2024 | Edição                             |

<sup>11</sup> O valor cobrado está abaixo do mercado. O diagramador fez essa gentileza por entender que trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso. O orçamento estimado seria de R\$ 5.255,28, de acordo com a Tabela de Freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina.

01/11/2024 - 26/11/2024

Redação do relatório

### **3 DIFICULDADES E APRENDIZADOS**

A apuração que realizei ao longo deste trabalho foi extensa e exaustiva. Selecionar o que entraria na reportagem foi muito difícil. Fiz mais de oito horas de entrevistas e revisei dezenas de estudos científicos e normativas. Cheguei, inclusive, a escrever algumas versões da grande reportagem, que incluíam intertítulos que posteriormente cortei. Como a minha proposta era escrever uma grande reportagem para revista, não pude ultrapassar muito mais que 20 laudas – nenhum periódico em circulação no Brasil costuma publicar reportagens mais extensas.

Aprendi, sobretudo, a sintetizar ideias para que um assunto complexo pudesse caber em uma reportagem. A pauta é ampla e tem muitos prismas. Além disso, já muito abordada. Assim, escolhi algo – retorno ao analógico – não tão em evidência para abordar. Ao longo do trabalho desenvolvi habilidades de repórter e de editor.

Mas o aprendizado mais importante foi conhecer realidades que não são minhas. Como citei anteriormente, tenho um grau baixo de ansiedade, mas algumas das pessoas com quem conversei lidam com transtornos mentais graves. Poder conversar com franqueza com jovens que me contaram sobre transtornos alimentares e surtos depressivos fez com que eu precisasse adotar uma postura de escuta empática. Entender as angústias fez com que eu pudesse compreender a complexidade da saúde mental. Com isso, acredito que, além de me capacitar como jornalista, essa reportagem me preparou para me relacionar com pessoas que encontram dificuldades de distintos graus. Como escolhi o jornalismo como forma de ser no mundo, que meu trabalho possa, então, colaborar para que pessoas cujas histórias devem ser contadas sejam, de fato, protagonistas.

## REFERÊNCIAS

CAPUTO, Stela Guedes. Sobre entrevistas: Teoria, prática e experiências. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Dando a Real com Leandro Demori. Brasília, TV Brasil, 5 de novembro de 2024. Entrevista a Leandro Demori.

CORTÁZAR, Julio. O jogo da amarelinha. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ELETRODOMÉSTICA. Direção: Kléber Mendonça Filho. Produção: CinemaScópio. Recife: Ruptura Filmes, 2005. Streaming. Disponível em: <https://embaubaplay.com/catalogo/eletrodomestica/>. Acesso em 20 de novembro de 2024.

ELOLA, Joseba. Byung-Chul Han, el filósofo que vive al revés: “Creemos que somos libres, pero somos los órganos sexuales del capital”. El País, Madri, 6 de outubro de 2023. Ideas. Disponível em: <https://elpais.com/eps/2023-10-06/byung-chul-han-el-filosofo-que-vive-al-reves-creemos-que-somos-libres-pero-somos-los-organos-sexuales-del-capital.html>. Acesso em 20 de novembro de 2024.

FEBBRO, Eduardo. “El tecnoliberalismo se lanza a la conquista integral de la vida”. Página 12, Buenos Aires, 23 de junho de 2017. El mundo. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/45754-el-tecnoliberalismo-se-lanza-a-la-conquista-integral-de-la-vida>. Acesso em 20 de novembro de 2024.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; SANTOS, Marli dos. Reportagem: narrativa em muitos estilos. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2470-1.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2024.

Haidt, Jonathan. A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. A salvação do belo. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. Infocracia: Digitalização e crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. Não coisas: Reviravoltas do mundo da vida. Petrópolis: Vozes, 2022.

KAFKA, Franz. A metamorfose. São Paulo: Melhoramentos, 2024.

LAPA, A. B.; COELHO, Isabel Colucci. Escola e internet: espaços de formação para a cidadania. PERSPECTIVA (UFSC) (ONLINE), v. 39, p. 1-19, 2021.

LIVROS. Compositor e intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: PolyGram, 1997. 1. CD (54 min).

MÁRQUEZ, Gabriel García. Cem anos de solidão. 48ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2000.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narratologia. Brasília: Casa das Musas, 2004.

NEMER, David. Tecnologia do oprimido: Desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Vitória: Milfontes, 2021.

¡OH, ALGORITMO! Compositor e intérprete: Nora Erez; Jorge Drexler; Didi Gutman; Ori Rousso. Madri: 2022: Sony, 2021. 1. CD.

RODRIGUES, Kalil de O. Volta a aparelhos digitais ajuda jovens a desconectar e preservar saúde mental. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 de setembro de 2024. Equilíbrio. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2024/09/volta-a-aparelhos-analogicos-ajuda-jovens-a-desconectar-e-preservar-saude-mental.shtml>. Acesso em 20 de novembro de 2024.

SPINOZA, Baruch. Ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TYLOR, Edward B. A ciência da Cultura. In: CASTRO, Celso (org.) Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

VAROUFAKIS, Yanis. Tecnofeudalismo: El sigiloso sucesor del capitalismo. Barcelona: Deusto, 2024.

VOGEL, Daisi. Da apreensão do tempo ao pormenor inútil nos relatos jornalísticos. In: SILVA, Gislene; SILVA, Terezinha; VOGEL, Daisi (org.). Apuração, redação e edição jornalística. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. p.85-p.96.

## ANEXO A

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**

Eu, Kalil de Oliveira Rodrigues, aluno regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 21103696, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Vidas digitais, corpos analógicos** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 20 de novembro de 2024

---

Assinatura

## ANEXO B

| FICHA DO TCC    | Trabalho de Conclusão de Curso<br>JORNALISMO UFSC  |  |   |
|-----------------|--|--|---|
| ANO             | 2024.1   |  |   |
| ALUNO           | Kalil de Oliveira Rodrigues  |  |   |
| TÍTULO          | Vidas digitais, corpos analógicos  |  |   |
| ORIENTADOR<br>A | Daisi Irmgard Vogel  |  |   |
| MÍDIA           | <input checked="" type="checkbox"/>  | Impresso                                       |   |
|                 | <input type="checkbox"/>   | Rádio  |   |
|                 | <input type="checkbox"/>   | TV/Vídeo                                       |   |
|                 | <input type="checkbox"/>   | Foto   |   |
|                 | <input type="checkbox"/>   | Website  |   |
|                 | <input type="checkbox"/>   | Multimídia                                     |   |
| CATEGORIA       | <input type="checkbox"/>   | Pesquisa Científica                            |   |
|                 | <input type="checkbox"/>   | Produto Comunicacional                         |   |
|                 | <input type="checkbox"/>   | Produto Institucional (assessoria de imprensa) |   |
|                 | <input checked="" type="checkbox"/>  | Produto Jornalístico (inteiro)                 | <b>Local da apuração:</b>   |
|                 | <input type="checkbox"/>   | Reportagem livro reportagem<br>( )             | (X) Florianópolis ( ) Brasil<br>( ) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País: _____ |
| ÁREAS           | Jornalismo, Reportagem, Saúde, Cultura   |  |   |
| RESUMO          | <p>Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma grande reportagem em texto que discute as mudanças provocadas pela digitalização da vida na saúde mental e na cultura, refletindo o equilíbrio entre tecnologias digitais e analógicas. Para isso, narra experiências de pessoas da geração Z, iniciativas de empreendedorismo, expõe pontos de vista de psiquiatras, psicólogos e psicanalistas e apresenta dados e pesquisas acadêmicas e de mercado sobre o assunto. A proposta dessa apuração é, em primeiro plano, fotografar um momento da história marcado pela hiperconectividade e suas consequências no modo de ser e estar no mundo. Além disso, problematiza esse comportamento contemporâneo e reflete práticas analógicas como estabilizantes da psique. Por conta disso, a matéria transita entre jornalismo de saúde e cultura, inclusive, por compreender que a saúde é consequência de uma série de práticas culturais.</p> |  |   |